



‘O QUINZE’ DE RACHEL DE QUEIROZ: AS CONSEQUÊNCIAS DA IMIGRAÇÃO E O REGIONALISMO COMO CRIAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS NORDESTINO

Mayara Falcão Vilar Pinto¹

Este trabalho tem por finalidade analisar, no livro *O quinze* de Rachel de Queiroz, a seca como "responsável" pelo desencadeamento do êxodo rural, e suas consequências; e como, dentro do regionalismo, essa obra colaborou para a perpetuação da imagem do Nordeste "[...] tende a ser visto como uma área caricatural e inferior do Brasil, condenada pelas questões naturais a uma eterna deficiência e dependência" (Nazaré, 2020, p. 135), criando assim vários estereótipos que seguem até os dias atuais. Essas observações serão feitas por meio da análise de como essa seca afetou a vida da família de Chico Bento. De início, será abordado como a seca, em relação de causa e consequência, ocorre. Em seguida, como os retirantes sem opção, no caso Chico Bento, iniciam sua longa e árdua trajetória em busca de emprego, alimento e sobrevivência e por fim, a discussão de como essa literatura regionalista influenciou a construção do imaginário nordestino, assim criando estereótipos presentes atualmente. Para dar embasamento, além da obra analisada, será utilizado Costa (2020) para tratar sobre a migração e a degradação da família; Lima (2019) para falar sobre a fome e suas consequências e Silva Filho (2020) para fazer a discussão sobre o regionalismo na construção do imaginário e estereótipos.

Rachel de Queiroz retrata um regionalismo diferente e autêntico. O regionalismo de 30 é formado por nordestinos cujo objetivo é denunciar problemas sociais daquele tempo. A cultura, a arte e a literatura estavam passando por transformações consideráveis nesse período. *O Quinze* apresenta um regionalismo que "[...] busca desvendar o sertão e seu povo, revelando-os aos demais brasileiros que desconhecem a realidade sertaneja" (Araújo; Anselmo, 2010, p.20). "As obras modernistas conseguiram romper com a artificialidade presente nos escritos românticos" (Araújo; Anselmo, 2010, p. 20).

¹ UFPE. Graduada em Letras- Espanhol.

É nesse movimento regionalista que irão surgir temáticas "[...]como o tema da seca, da fome, do cangaço, do messianismo, mas também, outros pontos, como a corrupção e o paternalismo" (Godói, 2018, p.3).

Esse romance pertencente ao movimento Regionalista "[...] buscava mostrar o que havia de mais sincero sobre as condições e contradições do Brasil" (Santos, 2019, p.454) e concentrou-se na grande seca de 1915, abordando questões como a fome, a morte, a seca e suas consequências, tendo como ponto alto, a tragédia dos retirantes, representada pela família de Chico Bento, além de fazer uma denúncia a realidade socio-política do sertão. O Quinze "expressa a precariedade da vida do sertanejo, em função da acumulação do capital e a detenção do poder por parte dos grandes proprietários de terra, privando os trabalhadores e os pequenos produtores de um mínimo de dignidade" (Araújo; Anselmo, 2010, p.13).

Composta por 26 capítulos, a obra está dividida em duas partes: de um lado, Vicente e Conceição, que tiveram um amor platônico, mas que não chegou a se concretizar, visto que Conceição, professora, moça estudada não se conectava muito com o seu primo, filho de latifundiário rico, mas que, diferente do irmão, não desejou os estudos, pois para ele era uma forma de submissão; do outro lado, a família de Chico Bento, composta por ele, sua esposa Cordelina e seus cinco filhos, Pedro, Manuel (Duquinha), Josias e mais dois que não tiveram os nomes revelados. Diferente de Vicente, ele era apenas um vaqueiro.

Como não choveu, por consequência desta ação, Chico Bento perdeu seu emprego e como "[...] para os retirantes era preferível morrer durante a caminhada, a permanecer na fazenda e ter o mesmo fim [...]" (Lima, 2019, p. 70). Ele "opta" em pegar a estrada com a família. " [...] O pobre do Chico Bento, ter de ganhar o mundo num tempo destes, com toda a família" (Queiroz, 2012, p.14) Aqui se inicia a transmutação dele de vaqueiro em retirante, junto à sua família e sua cunhada Mocinha. Ao longo do caminho ocorre a degradação de sua família. Mocinha foi a primeira a deixá-los. No caminho, encontrou um trabalho de ajudante, onde resolve ficar, todavia, acabou entrando na prostituição e mendicância.

Mocinha chegou animada, a bem dizer, risonha:— Tem lá uma mulher que carece de uma moça mode ajudar na cozinha e vender na Estação.[...] — E tu não tem pena de ficar aqui, mais esses estranhos? A moça encolheu os

ombros:— Assim... Quem não tem pai nem mãe, como eu, pra todo o mundo é estranho... (Queiroz, 2012, p. 32-33).

Em seguida, a morte leva o Josias. Enquanto caminhavam, Josias, distante da família, encontra uma raiz de macaxeira, tentando sanar a fome, morde um pedaço, e acaba morrendo envenenado.

Lá se tinha ficado o Josias, na sua cova à beira da estrada, com uma cruz de dois paus amarrados, feita pelo pai. Ficou em paz. Não tinha mais que chorar de fome, estrada afora. Não tinha mais alguns anos de miséria à frente da vida, para depois cair no mesmo buraco, à sombra da mesma cruz (Queiroz, 2012, p. 38-39).

Depois é o Pedro que desaparece enquanto a família está atordoada de fome. A natureza materna pensou: "Talvez fosse até para a felicidade do menino. Onde poderia estar em maior desgraça do que ficando com o pai?" (Queiroz, 2012, p.50) E por último, o Manuel (Duquinha), quando Conceição se oferece para cuidar dele, mas sem devolvê-lo.

Com seu modo tímido, Cordulina chegou-se a ela:

— E o Manuel?

— Ah! Esse é meu, não dou mais. Vou fazer dele um homem! Não, comadre, aquele vocês não levam!... (Queiroz, 2012, p. 61).

"A perda é fato já determinado desde o início, como se fosse o fim assentado no começo da jornada[...]" (Sousa, 2009, p. 80). E assim, a família vai se desfazendo, e a dor que atormenta aquela mãe, de algum modo, vai sendo "minimizada" por conta do fatalismo ao qual ela acabou se entregando. Sempre tendo uma justificativa para o fim daquele sofrimento.

Essa degradação da família ocorre, sobretudo, por conta da fome. "A fome emerge como uma batalha a qual o retirante tenta vencer um pouco a cada dia" (Lima, 2019, p. 75). A fome persistia em segui-los. Chico Bento passa por dois momentos de fome: "O primeiro marcado pela incerteza e o medo de não ter o que comer, e o segundo, diga-se de passagem, o mais cruel, marcado pela total privação alimentar" (Lima, 2019, p.75).

Nesse romance, embora ficcional, Raquel de Queiroz nos apresenta a realidade daquela população em decorrência da seca e suas consequências. Vale pontuar também sua denúncia, embora de maneira sutil, sobre a desigualdade social, cujo fator decisivo não é necessariamente a seca.

Mesmo apresentando um romance mais realístico e denunciador, de certa forma; sua obra, assim como outras, colaborou para a criação do imaginário do Nordeste, "[...] criando, dessa forma, uma identidade, uma homogeneidade para a região e, posteriormente, a nação (Sampaio, 2011, p.1277).

Através das obras regionalistas, duas regiões foram inventadas: " O Nordeste se configurando como o espaço do atraso, dos absurdos, e São Paulo, que se configurou como o espaço do progresso[...]" (Sampaio, 2011, p.1277). "Os grupos de intelectuais nordestinos ajudaram a forjar a ideia do Nordeste enquanto espaço de atraso, do cangaço, do messianismo, do coronelismo, da indolência, etc." (Sampaio, 2011, p. 1280).

A busca de se criar uma identidade nacional se intensifica no período do Estado Novo, tendo como protagonistas a região Sul e Nordeste disputando quem seria a melhor opção para essa representação de um país sem conflito (Santos, 2013). "Quando a imagem de Nordeste vai sendo gestada a partir do início do século XX, tinha-se como objetivo principal difundir-la como legítima representante da identidade nacional que o Brasil estava se propondo a criar" (Santos, 2013, p. 10). Porém, pelas imagens criadas pelos regionalistas, o Nordeste, definitivamente, não poderia ser uma opção.

Em meio a essas duas regiões tão diferentes, de um lado a região "civilizada" e do outro, a do "atraso", para conseguir unificar os Brasis, foi preciso a inferiorização do Nordeste, para poder apresentar um Brasil promissor (Santos, 2013).

Nesta obra analisada, é notável a ideia do nordeste como um lugar seco, do sol escaldante; das pessoas resistentes, lutando para sobreviver; a magreza, animalizando aqueles corpos; a vulnerabilidade, o sofrimento e o retirante, que se transforma em mão de obra barata, em busca de um trabalho nas capitais nordestinas ou no Norte e Sul do país, como faz Chico Bento, que primeiro pensa em ir à Amazônia, mas acaba indo para São Paulo.

O Nordeste "[...] tende a ser visto como uma área caricatural e inferior do Brasil, condenada pelas questões naturais a uma eterna deficiência e dependência" (Nazaré, 2020, p1. 35). Torna-se um polo de problemas sociais e de "atraso" no imaginário da nação.

Mesmo havendo seca no Sul e no Sudeste, a ideia da seca está tão enraizada no inconsciente coletivo, que é sempre a imagem do nordestino com fome e fugindo da morte que surge quando o tema é abordado (Câmara; Câmara; Soutullo, 2015). Assim, o Nordeste sendo considerado a região "atrasada", necessitaria de "salvação".

Entrando nesse âmbito mais político é importante perceber a função da literatura nessa criação do imaginário do Nordeste ligada aos interesses políticos da elite.

A formação do imaginário social nordestino não foi obra do acaso e das limitações teórica-metodológicas de cada contexto histórico, e sim, uma elaboração do projeto de desenvolvimento da sociedade brasileira constituída por diversos estereótipos possibilitando a diferenciação entre regiões (Silva Filho, 2020, p. 314).

O regionalismo como foi pontuado no início desse artigo, apresenta uma literatura mais realística, todavia, este serviu para a "[...] construção da ideologia regional realizada pela elite do país[...]" (Silva Filho, 2020, p. 308).

O Regionalismo é uma expressão, antes de tudo, da ideologia racial brasileira que se fez necessária para a elite promover a inferiorização de grupos sociais, além de possibilitar organizar a sociedade com valores, crenças, costumes, ideias e concepções adequadas a partir de seus anseios (Silva Filho, 2020, p. 308).

O Estado se apropriou desses discursos literários, propagando-os para assim poder "ajudar". O Nordeste com essa imagem do Estado que precisa do "progresso" era mais viável para que os outros Estados já "civilizados" pudessem interferir nele, ganhando dinheiro com obras bilionárias com a justificativa da "salvação". Assim, ao mesmo tempo que explora, é o salvador.

Além disso, esses discursos perpetuam a ideia da mão de obra barata, já que o nordestino sempre está em busca de sua sobrevivência, logo, qualquer emprego mal remunerado e sem condições dignas, seriam aceitos. A ideia da exploração explícita para toda a nação.

Infelizmente, muitos dos estereótipos criados sobre o Nordeste, seguem até os dias atuais. Muitas vezes sendo utilizados para justificar preconceitos, além de proporcionar a perpetuação de desigualdades sociais.

Essa obra traz problemas sociais ainda pertinentes, como a fome, bastante intensificada pela pandemia, mas sobretudo, pelo governo. "[...] ao tomar posse em 2019, o atual presidente da República [...] tornou pública a decisão de extinguir, por meio da medida provisória 870, o Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea) (Lima, 2019, p. 22).

Este trabalho buscou analisar a obra o Quinze de Raquel de Queiroz para verificar como a seca foi “responsável” pelo desencadeamento do êxodo rural e da fome, causando sofrimento nas famílias mais vulneráveis. De início, foi abordado a questão da seca e em seguida, a análise da fuga de Chico Bento e sua família, utilizando como base a autora Costa (2020). Dentro desse tópico, foi analisado a degradação da família de Chico Bento, além de seu desmonte ético diante tal situação; Em seguida foi utilizado o autor Lima (2019) para analisar a questão da fome, e suas consequências, como a animalização daqueles corpos esqueléticos e os problemas psíquicos que esta pode causar. Por fim, o autor Silva Filho (2020) para fazer a discussão sobre o regionalismo como criação do imaginário nordestino.

Embora o Regionalismo tenha apresentado uma literatura mais realista, evidenciando os problemas sociais existentes, causadas não só pela seca, como fica posto na obra, este também foi utilizado pela elite como um espelho que ao refletir aquela imagem, cria uma ideia do que seria o Nordeste, o delimitando e o inferiorizando diante toda a nação. Criando no inconsciente coletivo, imagens responsáveis pela criação de estereótipos e preconceitos existentes até os dias atuais.

Tal imaginário está baseado no contraste entre a ideia de regiões que haviam conseguido o “progresso”, como Norte e Sul e regiões “atrasadas” como o Nordeste. Diante tal visão, essas regiões poderiam ser as “salvadoras” do pobre Nordeste, arrecadando bilhões em obras, cuja função era tornar essa região mais avançada. Desde a colonização, “Nossa riqueza sempre gerou nossa pobreza[.]” (Galeano,

2012, p. 11). Os solos foram devastados com a cana de açúcar, mas a culpa é da terra...

Infelizmente, ainda somos considerados o povo analfabeto, sem cultura, sem conhecimento, sem água, sem terra, sem sonhos... O povo que só sofre e, aparentemente, merecedor de tal condição. O povo atrasado, animalizado, vulnerável, explorado... Como uma imagem pode compactar toda uma diversidade? Como uma imagem criada de ideias deturpadas sobre um povo pode persistir por tanto tempo? Como ir contra esses estereótipos? Como notá-los? Como destruí-los? Será que ainda é possível? Será que um dia a seca deixará de ser ligada automaticamente ao nordestino?

Essas obras Regionalistas são importantes para que conheçamos os problemas do passado, porém é necessário um olhar crítico para perceber como influenciaram na criação do imaginário do nosso Estado Nordeste e como isso ainda nos afeta atualmente, por isso a importância desse trabalho. Perceber os estereótipos criados, porque, por quem e para quem, assim sabendo por onde começar a cortar as raízes ruins que continuam tentando sugar os nutrientes de nossa terra, que continuam tentando nos envenenar, para assim destruí-las!

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Kárita de Fátima; ANSELMO, Rita Martins de Sousa. 1915: A seca e o sertão sob o olhar de Rachel de Queiroz. **Revista Digital Estudos Historicos**, n. 3, p. 14, 2010.

CÂMARA, Yls Rabelo; CÂMARA, Yzy Maria Rabelo; SOUTULLO, Melina Raja. **O Quinze**: revisitando a importância de Rachel de Queiroz para a cultura cearense, a literatura brasileira e o feminismo no Brasil do século XX. 2015.

COSTA, Liduina Farias Almeida da. Entre a denúncia e o fatalismo: natureza, sociedade e sertanejos-retirantes na literatura que evoca o Nordeste das secas. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 28, n. 3, p. 571-593, 2020.

GALEANO, Eduardo. As **Veias Abertas** da América Latina. 48. Ed.

GODÓI, Bianca Rezende. O regionalismo na obra "O Quinze" de Rachel de Queiroz e a crítica ao papel da mulher nordestina em seu tempo e espaço. **Revista de Ciências Humanas**, n. 2, 2018.

LIMA, Clébio dos Santos. **A literatura famélica em O quinze de Rachel de Queiroz**. Dissertação de Mestrado. 2019.

NAZARÉ, Manuella Mirna Enéas de. Construindo uma região: imagem e imaginário sobre o nordeste brasileiro. **interFACES**, v. 29, n. 1, p. 130-145, 2020.

SAMPAIO, Joslan Santos. **Entre a história e a literatura**: a construção imagético-discursiva da nação nordestina.

SANTOS, Nivalter Aires. dos Elementos para crítica à tese de invenção do Nordeste. **REVES - Revista Relações Sociais**, v. 2, n. 3, p. 447-459, 2019.

SILVA FILHO, C. A. Apontamentos sobre o regionalismo e o estereótipo na construção do imaginário social nordestino. **Sociedade Em Debate**, v. 26, n. 3, 302-316, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.47208/sd.v26i3.2526>.

QUEIROZ, Rachel de. **O quinze**. Editora José Olympio, 2012.